

Ficção e morte em *O Desaparecimento de García Lorca*

Fiction and death in “O Desaparecimento de García Lorca”

Syntia Alves
PUCSP

Resumo: Após uma breve introdução à obra ficcional “O desaparecimento de García Lorca” (título original “Disappearance of García Lorca”), o texto trilha elementos da história real de Federico García Lorca, tanto por questões relacionadas diretamente ao autor, como outros que circundam sua história a partir de outros personagens e da história da própria Espanha. Analisando as informações reais e fictícias do filme, aliado um olhar sobre a estética da obra, o presente artigo levanta aspectos da vida de García Lorca e do início da Guerra Civil Espanhola com a versão que é apresentada pelo filme a fim de observar qual a mensagem a obra cria e divulga, principalmente sobre a personalidade e morte de Lorca.

Palavras-chave: García Lorca. Guerra Civil Espanhola. Cinema.

Abstract: After a brief introduction to the fictional work “Disappearance of García Lorca”, the text works with elements of Federico García Lorca’s true story. The focus is so much for the issues directly related to the author as for others that surrounding their history, from other characters and from the Spain’s history. Analyzing the real and fictitious of the film “Disappearance of García Lorca”, combining with a look at the aesthetics of the work, this paper raises issues of García Lorca’s life and the beginning of the Spanish Civil War. The version that appears in the film allows to observe which messages are created and disseminated, mainly on personality and Lorca’s death.

Keywords: García Lorca. Spanish Civil War. Cinema.

[...] *Cuando se hundieron las formas puras
bajo el cricri de las margaritas,
comprendí que me habían asesinado.
Recorrieron los cafés y los cementerios y las iglesias,
abrieron los toneles y los armarios,
destrozaron tres esqueletos para arrancar sus dientes de oro.
Ya no me encontraron.
¿No me encontraron?
No. No me encontraron.
Pero se supo que la sexta luna buyó torrente arriba,
y que el mar recordó ¡de pronto!
los nombres de todos sus abogados.*

(“Fábula y rueda de los tres amigos”, Federico García Lorca)

Introdução

Federico García Lorca (1898 – 1936), poeta e dramaturgo espanhol, é ainda hoje um dos personagens europeus do século XX que gera interesse e desconforto. Criador de uma obra que impactou seu país e seu tempo, Lorca foi amigo e companheiro artístico de uma geração de grandes nomes como Neruda, Dalí e Buñuel, e ainda em vida viu sua obra ser admirada em seu país, mas também em outros locais como a Inglaterra, EUA, Cuba, Argentina, França, entre outros. Tanto prestígio se mantém até hoje, e atualmente Federico García Lorca é o segundo escritor de língua espanhola de maior importância mundial, perdendo apenas para Cervantes. Tanta popularidade certamente se deve à originalidade de sua obra, mas também ao momento no qual viveu e escreveu: no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais e nos anos que antecederam a Guerra Civil Espanhola. Momento de governos totalitaristas em diversos países, ascensão do nazismo na Alemanha, fascismo na Itália, em Portugal, em países da América Latina e na Espanha. E foi nesse contexto que Lorca escreveu, publicou e recitou, em praça pública, poemas e peças que clamam por liberdade.

É certo que Lorca incomodou os setores mais conservadores da sociedade espanhola e sua voz precisava ser silenciada. A postura do escritor é usada como motivo para seu fuzilamento. García Lorca foi assassinado no primeiro mês de Guerra Civil Espanhola, guerra que durou três anos, matou mais de quinhentas mil pessoas, e deu início à ditadura de quarenta anos de Franco na Espanha. Soma-se a isso o fato do momento da morte de Lorca e o paradeiro de seus restos mortais serem desconhecidos até hoje. Com tudo isso, não é de se estranhar que a vida, obra e morte de Lorca gerem tanto interesse fazendo surgir investigações, pesquisas

acadêmicas e obras em sua homenagem, em diversos estilos artísticos. E o cinema é uma das artes que, vez ou outra, retoma a vida e a morte trágica de Lorca como tema. Entre os filmes que tratam a história de Lorca no cinema, foi escolhido como objeto para o presente artigo o filme “O desaparecimento de García Lorca”, considerando que este chama especial atenção por ter sido uma das primeiras obras ficcionais sobre o escritor.

A proposta deste artigo é fazer uma análise com relação ao conteúdo e a forma do filme “O desaparecimento de García Lorca”, comparando-o à historiografia sobre Lorca, usando principalmente algumas obras de Ian Gibson — o historiador que mais se dedicou a investigar o assunto —, levando em consideração elementos do filme que, ainda que se assumam como uma ficção, traz à luz elementos que foram claramente baseados em fatos reais. Assim, serão apresentados trechos e diálogos do filme que serão comparados a elementos e fatos reais, a fim de pensar tanto a imagem que foi criada sobre Lorca, quanto questionar até que ponto a obra pode ser um bom recurso para manter viva a história e a memória do escritor.

O filme

Dos vários filmes que trazem à cena a vida e a morte do escritor espanhol Federico García Lorca, “O desaparecimento de García Lorca” (título original “Muerte en Granada”, 1996) faz arte dos que tentam recontar a história da morte do escritor espanhol por meio da ficção. O diretor Marcos Zurinaga, junto com os roteiristas Juan Antonio Ramos e Neil Cohen, encontra a possibilidade de falar das circunstâncias do fuzilamento do poeta e dramaturgo espanhol mais importante do século XX, após décadas de silêncio em virtude da ditadura franquista. Segundo a sinopse oficial da distribuidora do filme, a história começa em Madri, em 1934:

García Lorca (Andy García) estreia sua obra *Yerma*. Entre o público está um garoto, Ricardo (Esai Morales), grande admirador do poeta. Nessa noite, Lorca marca sua vida através de sua memória. Anos depois, Ricardo, obcecado pelo mistério que cerca a morte de Lorca, volta a Granada para conseguir as pistas que o conduzirão a descobrir a assustadora verdade (FILMAFFINITY).

As cenas iniciais do filme situam o espectador com relação aos fatos reais da história espanhola, contando que “em 1936, estourou a Guerra Civil na Espanha. Os fascistas, encabeçados por Francisco Franco ganharam a guerra e governaram durante 40 anos. Perdeu-se quase um milhão de vidas. O grande poeta Federico García Lorca foi uma das primeiras vítimas. O assassinato foi um dos enigmas da guerra”. O que se pode esperar, comparando a sinopse oficial com as primeiras informações do filme, é que se trata de uma ficção que contará uma

história real. Essa ideia ganha força com a cena que vem logo em seguida: enquanto Andy García, que interpreta García Lorca, recita o poema “La cogida y la muerte”, são mostradas imagens reais da guerra civil da Espanha nas quais aparecem mulheres, crianças, civis feridos, soldados, o General Franco e corpos sem vida em vias públicas. E, somado a isso, o filme foi baseado nos livros *O assassinato de Federico García Lorca* e *A vida de Federico García Lorca*, ambos do historiador Ian Gibson — pesquisador irlandês que, desde a década de 1950, dedica parte de seus estudos à vida, obra e morte de Lorca.

No decorrer do filme, o roteiro segue fazendo referência a fatos reais, como a sequência que mostra Ricardo assistindo à estreia de *Yerma*, segunda tragédia escrita por García Lorca. A cena que representa esse momento registra a exaltação da plateia reagindo ao conteúdo de obra, que teve grande repercussão na imprensa justamente por causa da manifestação do público. A exaltação da plateia obrigou a interrupção da peça até que as pessoas contrárias a ela fossem retiradas do teatro. Todo esse tumulto de fato aconteceu e está registrado nos jornais:

El Debate, diário católico mais lido na Espanha pré-guerra, protestou ante 'a odiosidade da obra', sua 'imoralidade', suas 'blasfêmias'¹. Outro jornal direitista da época, o *Informaciones*, escreve que 'a comédia é francamente ruim', e completa que 'alguns espectadores sentiram afetados seu bom gosto e exteriorizaram seu protesto'². Já 'La Nacion', periódico também de postura nacionalista, dirige sua crítica diretamente ao autor, dizendo aos leitores que 'García Lorca desvirtua toda crença quando paganiza a força de uma convicção hispana, que induz a preces a Deus e que acarreta funestas consequências terrenas'³.

O jornal conservador *ABC* nos mostra a preocupação da sociedade espanhola que a obra de Lorca representa, principalmente no que diz respeito aos 'muitos momentos de sensualidade franca e descarada'⁴ que a obra leva ao palco, momentos da obra que certamente foram recriminadas pela moral católica e nacionalista. *La Confraría del Apio*, revista da época, em poucas frases nos descreve como foi a estreia de *Yerma* [...]. 'Era uma cena repugnante. Tão repugnante quanto as frases e cenas da obra, repulsivas, vulgares, contrárias à dignidade humana e, conseqüentemente, à própria arte. Nenhuma mulher decente pode assistir a obra, que se enquadra no Código Penal, porque com ela é cometido o delito de atentado ao pudor'⁵. (ALVES, 2011).

Seguindo o gênero da ficção, quando a guerra civil chegou em Granada, os adolescentes Ricardo e seu melhor amigo Jorge escutam no rádio que Lorca havia chegado à cidade. De fato, a chegada do escritor foi noticiada pela imprensa da cidade: "14 de julio de 1936, Lorca se instala

¹*El Debate*, Madri, em 3 de Janeiro de 1935.

²*Informaciones*, Madrid, 31 de dezembro de 1934.

³*La Nacion*, Madrid, 31 de dezembro de 1934.

⁴"Informaciones y noticias teatrales. En Madrid. Español: *Yerma*" em *ABC*, Madri, 30/12/1934.

⁵Do arquivo do "Centro de Estudios Lorquianos", transcrito em GIBSON, 1987; p 338.

con los suyos en la Huerta de San Vicente. El 15 su llegada se anuncia en la primera página de *El Defensor*, que informa que pasará en la ciudad ‘una breve temporada con su familia’” (GIBSON, 2007, p. 105).

Fascinados pela obra do escritor, os dois adolescentes saem pela cidade na esperança de encontrar Lorca em seus cafés preferidos, quando os falangistas, que estão tomando as ruas, fuzilam Jorge em meio a uma revolta popular.

Baseando-se na história real de milhares de espanhóis, a família de Ricardo foge da guerra e se exila em Porto Rico, mas as memórias da guerra e da repressão fascista seguirão presentes nesses espanhóis. Anos mais tarde, a obsessão pela vida e obra de Lorca faz Ricardo voltar a Granada, usando como desculpa a ideia de escrever uma bibliografia sobre a vida do escritor, mas na realidade o que o personagem procura em seu retorno ao país é descobrir quem foi o culpado pelo assassinato do poeta.

García Lorca, Ricardo e análise dos personagens:

Ricardo, já adulto, decide voltar à Granada para entender as causas da morte de Lorca. Ao chegar em Granada, o personagem é confundido com um estadunidense e essa também foi a história real de Agustín Penón, trajetória detalhada no livro *Miedo, olvido y fantasía – Crónica de la investigación de Agustín Penón sobre Federico García Lorca*. Penón era catalão, filho de exilados do bando nacionalista que abandonaram Barcelona após estourar a Guerra Civil. Seus pais eram donos de uma fábrica de móveis e se instalaram na Costa Rica. Agustín dizia que o que o ajudou a suportar o exílio foram as leituras das obras de Lorca e, adulto, se torna editor literário e volta para a Espanha em 1955, com o pretexto de escrever uma biografia sobre Federico García Lorca. Voltando à Granada, Penón investiga a morte do escritor, tema que se tornou uma obsessão em sua vida, e foi Agustín quem conseguiu as primeiras informações relevantes sobre os últimos dias de vida de Lorca. Penón, durante um ano e meio, falou com amigos e inimigos de Lorca, e acima de tudo, encontrou testemunhas fundamentais para determinar as circunstâncias da morte do poeta. E, ao longo do filme muitas dessas referências a Agustín aparecem no personagem de Ricardo.

Ricardo, personagem em parte fictício, em parte real, inicia sua investigação, na década de 1950, como fez Penón, em busca de pistas e nomes que o ajudem a encontrar as causas da morte de Lorca. E é através dos diálogos e situações vividas por Ricardo que temos informações,

em sua maioria muito breves, de como era a situação política da Espanha naqueles tempos. Nos anos 50, a Espanha vivia a ditadura franquista — iniciada com a vitória da Guerra Civil pelo bando nacionalista, liderado pelo General Franco, e que durou até a morte do general, em 1975. Ricardo, da mesma maneira que Agustín Penón, busca pelos militares que estavam envolvidos com a tomada de Granada, com a guerra, e circula por bares da cidade a fim de encontrar essas pessoas. Na construção estética do filme, os locais onde Penón procura suas pistas são tabernas de flamenco, construindo a Espanha de diversão para turistas, com dança, música e touradas, a imagem que, para o franquismo, interessava ser mostrada para opinião internacional. A notícia da presença de Ricardo em Granada, assim como seus motivos se espalham pela cidade, e isso também aconteceu com Penón, que começou a ser perseguido pela polícia e sofrer ameaças. O mesmo roteiro que será vivido pelo personagem e por Penón.

Mas é no personagem do escritor Federico García Lorca que encontramos mais ruídos entre os testemunhos daqueles que o conheceram e a construção apresentada pelo filme. O diretor constrói Lorca como um homem forte, viril e sedutor, galanteador com as mulheres e impositivo com os homens. De fato, os relatos contam que Lorca era sedutor, principalmente quando recitava suas obras, suas peças, mas o que seduzia em Lorca era sua alegria, e o escritor apresentava uma imagem um pouco frágil: “tudo em Lorca é presença vital do que expressava em sua obra. Federico amava a vida e temia a morte” (ROJAS, 1980, p. 11). Um momento em que a postura do personagem de Lorca se mostra discrepante aos relatos do escritor é quando estoura a guerra e o cunhado de Lorca, que na ocasião era prefeito de Granada, é preso e a família passa a ser vigiada pelo exército que está tomando o poder na cidade. Neste momento, o personagem de Lorca toma a frente da situação, se impondo frente ao pai, agindo como o pilar estrutural da família.

Mas, o mais contraditório é a coragem que o personagem de Lorca mostra ao desafiar a morte, tanto na cena em que sua casa sofre uma batida policial, correndo o risco de ser preso como seu cunhado, quanto no momento em que o poeta está tocando piano e recitando para as mulheres da casa dos Rosales — onde o poeta se escondeu e onde foi detido para ser fuzilado —, quando toca o telefone e, brincando, Lorca diz “será a morte que chama?”. Além disso, a alienação que é colocada no personagem chega a ser constrangedora, o personagem parece não se importar com o clima de guerra que cada dia exalava com mais força o cheiro de morte pela cidade de Granada. Outras cenas que romantizam a imagem de Lorca, mas que escapam completamente da real personalidade do poeta: quando corajosamente grita seus poemas como

protesto de dentro da cela onde estava preso, ou por Lorca não mostrar nenhum abalo ao escutar os gritos que vazam das celas vizinhas, ou quando o poeta diz ao seu amigo Gonzales — personagem que se refere aos Rosales, amigos falangistas que esconderam Lorca — que os nacionalistas não terão o prazer de vê-lo tremer. Muita dignidade, força e coragem são colocadas no personagem de Lorca, mas não condiz com a realidade.

Ana Maria Dalí, irmã de Salvador Dalí, foi amiga de Federico García Lorca e nos dá pistas sobre a personalidade do poeta:

A personalidade de Lorca era tão vivaz, tão absorvente e atrativa que todos nos sentíamos impressionados por ele [...] Queriam que o cuidassem, que o mimassem constantemente. Sempre andava de mãos dadas conosco. Tinha medo de morrer e parecia que assim, de mãos dadas, agarrava-se a vida. Às vezes se queixava de dor de garganta e sua voz enrouquecia mais. Imediatamente convencia a si mesmo de que estava muito doente. Queria que o cuidassem sem deixá-lo um instante [...] Era obcecado por um grande medo da morte. Se íamos ao mar e estava brando, a imagem do fundo lhe dava vertigem; se havia ondas, temia que as ondas passassem por cima do mar e nos engolissem. Somente aos domingos não sentia medo da morte, nas missas, quando sentia a presença da vida eterna (ROJAS, 1980, p. 151).

Sobre os militares que estiveram envolvidos com os últimos dias de Lorca, o filme levanta alguns fatos reais, mas os nomes foram trocados. Os Rosales, por exemplo, no filme são Gonzales. Outro militar que claramente é retratado no filme é o general Queipo de Llano, responsável pelo golpe falangista na cidade de Sevilha. A referência a ele está na expressão que é proferida no filme da mesma maneira que o era pelo general: ao telefone, ele ordenava que “preparassem um café”. Esse era o código de Queipo de Llano para dar uma ordem de fuzilamento. Outra pessoa chave para entender a morte de Lorca é Ruiz Alonso, o homem que apresentou a denúncia contra o escritor, que conduziu sua prisão e, a partir disso, iniciou o processo do fuzilamento do poeta. No filme, Alonso se chama Roberto Lozano. Lozano vai se encontrar com Ricardo para contar a ele como foi a prisão de Lorca, e a história do filme segue alguns fatos reais, como a cena que recria o questionamento de Luis Rosales sobre o poder de Alonso para tirar Lorca de sua casa, ou o fato de Alonso considerar o poeta um sujeito perigoso. Ian Gibson descreve a vida, personalidade e ações de Ruiz Alonso em seu livro *El hombre que de tuvo a García Lorca*.

O encontro verídico de Penón com Alonso é revivido pelos personagens de Ricardo e Lozano, respectivamente. Esse encontro, descrito por Penón publicado no livro *Miedo, olvido y fantasia*, tinha como intenção oficial uma simples entrevista concedida por Alonso a Penón, mas a

intenção real era encontrar pistas sobre a morte e o paradeiro do corpo de Lorca. No filme, o personagem que representa Alonso, Lozano, mostra saber as intenções de Ricardo e diz ter a intenção de contar-lhe tudo o que sabe sobre a morte do poeta. Na história real, Penón vai ao escritório de Alonso e, para seu espanto vê o volume das obras completas de Lorca, que na década de 1950, por causa da censura e de fragmentos que ainda estavam perdidos, não contava com a metade do que hoje é reunido como obra lorquiana. Em referência a esse fato, no filme, Lozano mostra a Ricardo que está editando as obras completas de Lorca e diz que sempre esteve muito preocupado em manter a memória de Lorca vivo. O historiador Ian Gibson transcreve de maneira sucinta o encontro de Penón y Alonso:

El primer encuentro tuvo lugar el 26 de febrero de 1956 [...] en la imprenta, Gráficas Voluntad, que entonces tenía Ruiz Alonso [...] La mirada de Penón se concentra luego en la estanterías que cubren enteramente una de las paredes. [...] ‘Muchos libros sobre el catolicismo, desde luego, también sobre España, la filosofía... Y allí al fondo, ¡pero no es posible! ¡No lo puedo creer! Pero sí, la encuadernación color parda, el tamaño las letras en oro...¡El tomo es inconfundible!’. [...] Se trata de las *Obras completas* de Federico García Lorca [...] ‘Me inunda una mezcla de odio y furia contra este hombre que tiene en su biblioteca privada los frutos poéticos de un árbol que él ayudó a cortar. Y aunque sé que la presencia de este libro en sus estanterías sólo demuestra su cinismo y su insensibilidad, no puedo dejar de sentir un tenue impulso de piedad hacia semejante individuo, eternamente condenado a que le persiga la magia de su víctima (GIBSON, 2007, p. 170).

O personagem do filme apresenta a mesma postura cínica que Penón atribuiu à Ruiz Alonso e no filme o personagem de Lozano também tenta se livrar da culpa sobre a morte de Lorca, preocupação citada no trecho acima. Lozano diz não ser o culpado pela morte de Lorca, e que o deteve para poder protegê-lo, para mantê-lo próximo, mas que Gonzales estragou tudo com sua impertinência. De fato, o conflito na vida real travado entre Alonso e Luis Rosales começa na competição entre a CEDA⁶ e a Falange⁷ e se torna mais evidente com a detenção de Lorca. Luis Rosales morreu dizendo que Ruiz Alonso não tinha o direito de retirar Lorca de sua casa, e Alonso passou a vida justificando sua ação, ora dizendo que Lorca era um sujeito perigoso, ora dizendo que somente fez a acusação contra o poeta, mas não foi o responsável por sua morte, pois não apertou o gatilho.

⁶CEDA (*Confederación Española de Derechas Autónomas*): partido de direita durante a época da II República Espanhola pelo qual era filiado Ruiz Alonso.

⁷Falange - partido espanhol de direita que acabou ganhando mais poder que a CEDA, sendo a principal responsável pela Guerra Civil Espanhola, e do qual faziam parte tanto a família Rosales quanto o próprio general Franco.

O filme ainda apresenta duas versões do momento em que Lorca foi preso na casa dos Gonzales. A primeira versão é contada justamente por Lozano, que descreve Lorca como delicado e assustado, e a cena mostra o poeta tendo que ser apoiado por Lozano pelo braço para não cair ao chão. Já a segunda versão da prisão de Lorca é dada pela única irmã viva dos Gonzales que conta a Ricardo Lorca saiu de sua casa naquele dia: de cabeça erguida, forte e corajoso, não acreditando que lhe passaria algo ruim. Obviamente o filme mostra as versões contraditórias para, diante da dicotomia, ficar claro que Lozano estava mentindo. A partir dessa mentira, qualquer outra informação passada por Lozano deve ser considerada questionável, inclusive sua fala afirmando que Lorca nunca foi político, que era um poeta, “o homem mais apolítico que já conheci”, diz Lozano. E não coincidentemente sempre foi essa a imagem que a direita, após a morte de Lorca, queria fazer do poeta, como uma maneira de esvaziar a hipótese de que o fuzilamento fosse um assassinato político. E esse é o discurso que a família do poeta mantém até os dias atuais, como comprova sua prima Clotilde García Picossi: “Federico não era comunista, nem sequer era político. Ele não gostava de política, mas tinha os amigos que queria, pessoas como ele, inteligentes, cultas e originais [...] Não era político. Garanto a você [...]” (ROJAS, 1980, p. 106).

Porém, as ações de Lorca sempre mostraram que o escritor tinha grande sensibilidade social e esta que o aproximou da política, apesar de nunca ter sido filiado a nenhum partido político.

Com relação à troca dos nomes dos personagens, além de confundir o espectador, não deixa claro qual o compromisso do roteiro com os fatos reais, além de dar a impressão de que se estava tentando proteger o nome dos envolvidos com a morte de Lorca. O filme, que apresenta um ritmo de trailer policial, no momento em que deturpa as representações dos personagens, mantendo os fatos reais e trocando os nomes de pessoas que realmente viveram tais momentos, ao invés de levantar questões sobre o que aconteceu, sobre os envolvidos com o fuzilamento de Lorca, acaba por confundir e turvar ainda mais a visão daqueles que buscam esclarecimentos sobre o fato.

Morte, desaparecimento e a imagem de García Lorca

Além de recriar a história da morte de Lorca, o filme a todo o momento, tenta expor ao espectador a situação da Espanha durante a guerra civil e a ditadura de Franco através das falas

dos espanhóis com quem Ricardo dialoga. Quando este conversa com uma mulher, uma “cigana que conheceu Lorca” como é descrita por outros personagens, ela diz para o protagonista:

Quer saber o que aconteceu quando você se foi? Mobilizou-se o exército, e aqueles que resistiram foram mortos. Foi isso. E aí terminou. Um pouco depois, quando tomaram a cidade, começaram a matar todo mundo, estavam desarmados, foi uma carnificaria. E esta mulher mostra, com segurança, a fossa comum onde está enterrado Lorca. Mas até hoje não se sabe onde está o corpo de Lorca. Imagina-se que esteja em uma das milhares de fossas comuns criadas nos fuzilamentos da Guerra Civil Espanhola, mas seu corpo nunca foi encontrado e o erro histórico desta passagem do filme ultrapassa os limites da ficção, visto que ele tenta seguir os fatos, reconstruir minimamente a história, mesmo que seja de maneira ficcional. (cena de “O desaparecimento de García Lorca”, aproximadamente 48’).

Esta fala tem a intenção de mostrar o que aconteceu com a Espanha e explicar a ditadura que, no momento no qual o filme é construído, é vigente. Além da descrição da “cigana” ser verídico, a fala tem uma função de roteiro: explicar o que aconteceria com Ricardo nas cenas a seguir. Ricardo, em sua investigação, vai além do permitido para uma ditadura e começa a sentir a repressão do governo de Franco, passa a ser perseguido, apanha de agentes do governo e diversas vezes recebe um conselho: volte para casa, volte para Porto Rico. Isso também aconteceu a Penón, que ao final de sua passagem pela Espanha sai fugido do país, notando que estava sendo seguido e vigiado e com medo de morrer. Há outro momento em que os personagens expõem a Ricardo a situação sociopolítica da Espanha. Dessa vez o portador da mensagem é o pai de Jorge, seu amigo de infância, que por ser um coronel — patente que se torna a identificação do personagem —, Ricardo dá a entender que o considera envolvido na morte do poeta. Ao final do filme Ricardo é preso e o Coronel pai vai encontrá-lo na cadeia e. Os dois travam um diálogo que expressa bem aquele momento na Espanha:

CORONEL: Ricardo, olhe o que você está fazendo a si e a nós. Entende que está nos destruindo?

RICARDO: Eu não quero destruir ninguém, então por que não tornamos isso mais fácil e você me conta o que aconteceu em Viznar⁸?

CORONEL: Ricardo, está na prisão e me faz perguntas, que diabos tem na cabeça? Acredita que aqui lhe devemos algum tipo de explicação, justamente a você pelo que você sofreu? Escuta, aqui se perdeu milhões de vidas, um país inteiro, famílias, feridas profundas que não acredito que um dia cicatrizem. E você, de imediato que compreender o que aconteceu, colocando em perigo a vida de todos? (Idem, aproximadamente 75’).

⁸Viznar é o local atribuído à morte de Lorca, assim, Ricardo pede que o Coronel lhe conte sobre o fuzilamento do poeta.

Apesar de tantas referências a fatos reais, ao final, o filme constrói de maneira completamente aleatória os últimos momentos de vida de Lorca, escolha que afasta a obra das investigações históricas sobre as quais o roteiro afirma ter sido escrito. E a partir deste momento o filme assume um ritmo de trailer policial, uma investigação rumo ao que o diretor apresenta como o fim de Lorca.

Os momentos finais do filme se passam na Praça de Touros, local onde acontecem as touradas, e onde o protagonista tenta encontrar o toureiro que supostamente esteve com Lorca no momento de sua morte. É nesse momento em que o filme perde completamente seu compromisso com o que de fato aconteceu com Lorca. Os depoimentos de pessoas da época dados a Penón contam que o escritor foi fuzilado junto com um professor e um toureiro; na versão do filme, o toureiro passa a ser um dos algozes de Lorca. As cenas finais do filme são na Praça de Touros e onde estão todos os personagens supostamente envolvidos na morte do escritor: o Coronel, o toureiro e um homem da polícia secreta de Franco, chamado Centeno, e que Ricardo acredita ser quem disparou contra Lorca.

Das explicações que Ricardo consegue, na Praça de Touros, a primeira é a do toureiro que diz que estava na fossa, pois era um dos integrantes do bando nacionalista. O toureiro descreve o fuzilamento de Lorca e é mais um afirmar que o escritor estava tranquilo frente a morte, corajoso, não se importando com o que lhe ia acontecer, inclusive ajudando o professor que também seria fuzilado a se manter em pé. Tantas descrições de coragem de Lorca frente à morte contrastam totalmente dos depoimentos daqueles que conheciam o poeta, que afirmavam que a morte ser um tema recorrente de seus poemas era uma prova da obsessão e do medo do escritor.

Após conversar com o toureiro e não conseguir a informação que deseja, o uma caça pela Praça de Touros leva todos os personagens envolvidos com a morte de Lorca a se encontrarem com Ricardo. A sequência de cenas de Ricardo sendo acuado pelos militares é intercalada com as do toureiro enfrentando o touro, criando uma metáfora entre as touradas e o assassinato de García Lorca. E, na tentativa de uma construção poética, o diretor faz um paralelo entre a morte de Lorca e as touradas, sobre a paixão de Lorca pelo esporte, e os personagens cercam Ricardo como se este fosse o touro que estava para ser abatido.

A verdade do filme é revelada por Centeno, o misterioso homem da polícia de Franco: quem teria apertado o gatilho contra Lorca teria sido o próprio pai de Ricardo. A explicação é

dada por flashback: o pai de Ricardo vai até o Coronel para pedir-lhe que desculpe seu filho pela morte de Jorge, o filho do Coronel, e diz que faria qualquer coisa para que não recaísse a culpa da morte sobre Ricardo. Nesse momento o Coronel recebe a ordem de execução de Lorca e manda que quem a execute seja o pai de Ricardo. A ordem é atendida: o pai de Ricardo atira contra Lorca. Nesse momento há um corte. E a cena final mostra que o personagem de Ricardo volta a Porto Rico, casa-se, constitui uma família nos moldes tradicionais e percebe que seu pai não o consegue encarar.

Considerações finais

Sem dúvida, o ponto principal do filme é levantar, no ano de 1996 — ano de lançamento do mesmo —, a ideia de que a morte de Lorca não foi uma ferida de guerra, mas um assassinato. Mesmo com o processo de redemocratização na Espanha, na década de 1980, após o fim da ditadura do Franco, muitos assuntos se mantiveram em silêncio e a morte de Lorca foi um deles. E, tantos anos de silêncio — entre 1936, ano de morte de Lorca, até a redemocratização — fez com que muitos elementos, informações e pessoas importantes se perdessem. A cada ano que passa fica mais complexo compreender as circunstâncias da entender do poeta, e até os dias atuais não se sabe onde ele foi morto, nem o que foi feito de seu corpo. No mar de perguntas que inundam os interessados por Lorca, o filme levanta como um importante motivo para o assassinato do poeta o ódio que a ala conservadora da sociedade tinha de sua obra, considerando-a um ataque aos valores tradicionais da Espanha, tese que é muito defendida pelos estudiosos. E o filme deixa claro que, enquanto uns odiavam a obra de Lorca, outros o adoravam, pois ela “atacava a hipocrisia e os preconceitos da sociedade da época”, como diz o personagem de Ricardo no começo do filme.

Mas, trata-se claramente de uma obra de ficção, e na liberdade que o estilo cinematográfico permite, o diretor acaba por esvaziar a discussão sobre a homofobia e o ódio político que havia sobre Lorca e sua obra, colocando seu assassinato apenas como mais uma morte no meio da guerra. A explicação da morte do poeta é apresentada de maneira inacreditável, em uma mescla de drama e intriga, romantizando algo que na realidade se aproxima a uma tragédia. Além disso, a representação do personagem de Lorca está tão fora do que descrevem aqueles que conviveram com ele, que o filme não pode ser considerado funcional como estudo de personagem. Se o filme é baseado nas obras de Ian Gibson, todo o esforço do historiador de

mostrar o compromisso antifascista de Lorca, o ódio que a burguesia granadina sentia pelo poeta, o esforço de Luis Rosales em protegê-lo, apesar de ser falangista, em alguns momentos é levantado de maneira muito superficial, não se tornando mais relevante do que a trama de intrigas vivida pelo protagonista Ricardo.

É fato que muitos granadinos que sabiam como foram as últimas horas de vida de Lorca nunca disseram o que sabiam, abrindo espaço para que fossem inventadas inúmeras versões, várias delas espúrias, mas isso não diminui a responsabilidade do roteiro que deixa o espectador sem saber o que há de verdade e o que há de ficção no filme. De qualquer maneira, deve-se levar em consideração é o argumento do roteiro sobre a falta de informações que, ainda hoje, quase 20 anos após o lançamento do filme, mantém-se sobre a morte de Lorca. Levantar a verdade não se trata de fazer sensacionalismo sobre os fatos, mas de compreender os fatos e saber quem foram os culpados pela morte que acabou com a alegria da poesia e da vida que transbordava da arte de Lorca.

Referências

- ALVES, Syntia. *O teatro de García Lorca – a arte que se levanta da vida*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC-SP, 2011.
- FELGUERA, Gabriel Pozo– *Lorca, el último paseo*. Granada:, Ed. Ultramarina, 2009.
- GIBSON, Ian. *Federico García Lorca – uma bibliografia*. São Paulo: Ed. Globo, 1989.
- _____. *El asesinato de Garcia Lorca*. Barcelona: Editorial Crítica, 1979.
- _____. *El hombre que detuvo a García Lorca*. Madrid: Aguilar, 2007.
- HUGH, Thomas – *La Guerra Civil Española*. Barcelona, Ed. Debolsillo, 2004.
- OSORIO, Marta (Ed.) – *Miedo, olvido y fantasía – Crónica de la investigación de Agustín Penón sobre Federico García Lorca*. Granada: Ed. Comares, 2009.
- ROJAS, Eulalia-Dolores de la Higuera – *Mujeres en la vida de García Lorca*. Granada: Publicaciones de la Diputación de Granada, 1980.

Syntia Alves

Doutora em Ciências Sociais, autora da tese “Teatro de García Lorca — a arte que se levanta da vida”. Docente do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, pesquisadora do Neamp (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP) e fotógrafa.
Contato: syntia.alves@gmail.com

Recebido em 30 de março de 2015.

Aceito em 30 de maio de 2015.